"CORREIO BRASILIENSE"
28/7/78

CRÍTICA

"Coronel Delmiro Gouveia" Um filme didático

A hora não é particularmente boa para sinopses ou sínteses, velhos artifícios da mentira, mas Geraldo Sarno, com o seu "Coronel Delmiro Gouveia", consegue sintetizar, na pessoa de um empresário nacional e em seus projetos, as duas primeiras e caóticas décadas do século, no Nordeste brasileiro. São vinte anos em pouco menos de duas horas de filme, mas o que Sarno pesca da vida de Delmiro basta para traçar um quadro que permanece até hoje: a empresa nacional lutando pela sobrevivência em face da investida estrangeira. Como sinopse, da verdade, é perfeita.

O filme mostra uma resistência não-ideológica. Delmiro só não se associa ao capital norte-americano porque o Governador do Estado, certamente atendendo aos interesses ingleses, nega a licença para seu projeto de construção de usinas hidrelétricas na Cachoeira de Paulo Afonso. Também o Governador não é movido por qualquer ideologia. Quem tem ideologia é quem tem o dinheiro, o poder real. Delmiro ainda assim constrói sua usina e leva adiante sua fábrica de linhas, que havia crescido bastante com a conquista do mercado latino-americano durante a Primeira Guerra Mundial: impedidos de distribuir seus produtos, os ingleses abrem caminho para o florescimento da indústria nacional. Mas a guerra acaba e a poderosa "Machine Cottons" retoma suas atividades e envia emissários para renegociar, com Delmiro, a situação. Ele se nega a vender a fábrica e também não aceita uma associação ou a divisão de mercado, com a parte do leão cabendo aos ingleses. É assassinado a 10 de outubro de 1917. Doze anos mais tarde, a fábrica é finalmente comprada pelos ingleses, sendo destruída e lançada nas águas da Cachoeira de Paulo Afonso.

O filme, como espetáculo, tem altos e baixos. A cena da passagem de século e o incêndio do Derby, um mercado comprado por Delmiro para vender mercadorias pela metade do preço (uma tentativa de **dumping** caboclo contra os reis do **dumping**), resultam fracas. Talvez Sarno tenha tido a intenção de não valorizá-las como espetáculo. É possível. Mas, ao mesmo tempo, ele valoriza e leva à exaustão as crises da enteada do governador e o cerco à cadeia para a libertação de Delmiro. Compromisso com a chamada "ideologia do espetáculo" do "cinemão" brasileiro? Também é possível, embora isso - esse **rush** nacional para a conquista do mercado - não tenha nada de desabonador enquanto estratégia. Resta saber aonde vamos chegar.

Mas esse não é o problema de Sarno. Ele procurou fazer um filme acessível, quase didático, sobre a vida de um homem que permite identificar um quadro político-econômico e uma luta comum. Usou, creio, os recursos dramáticos do espetáculo nesse sentido. A fala final, quando se lembra que todo o empreendimento nacionalista falhou porque não partiu do povo, seria perfeitamente dispensável se a intenção não fosse meramente didática. O recado final está implícito no filme e poderíamos falar em redundância ou demagogia. Mas Sarno talvez tenha se exposto a este tipo de crítica em nome de uma maior compreensão de seu filme por todos os segmentos do povo brasileiro que possam ter acesso a uma sala de projeção. Uma renúncia formal de seu discurso em favor da clareza e da comunicação imediata.

Claúdio Lysias